

Instituto de Educação Cristã
Departamento de Educação da Conferência Geral
Da Igreja Adventista do Sétimo Dia

**Em Busca de uma Integração da Fé e Ensino na Disciplina
De Literatura: Uma Abordagem Bíblico-Cristã na
Perspectiva do Grande Conflito**

Por
Neumar de Lima
Professor de Línguas
Instituto Adventista de Ensino
Campus São Paulo - Brasil

Preparado para o
16º Seminário de Integração Fé e Ensino

Instituto Adventista de Ensino
São Paulo - Brasil
Julho de 1994

**224-94 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

EM BUSCA DE UMA INTEGRAÇÃO DA FÉ E ENSINO NA DISCIPLINA
DE LITERATURA: UMA ABORDAGEM BÍBLICO-CRISTÃ
NA PERSPECTIVA DO GRANDE CONFLITO

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura tem adquirido nos últimos anos uma posição cada vez mais central na disciplina de língua portuguesa. Em oposição à ênfase tradicional, que priorizava o ensino da gramática, a ênfase atual é explorar os recursos expressivos da língua para que o aluno possa enriquecer seu desempenho lingüístico, bem como fornecer-lhe um instrumento funcional que poderá utilizar nas mais variadas circunstâncias. É nesse contexto que a literatura cumpre um papel fundamental na medida em que contextualiza a língua em situações reais e concretas. Além disso, situa o aluno no mundo das idéias, da cultura e da arte, estimulando o pensamento, desenvolvendo espírito crítico, e formando, enfim, uma visão de mundo pessoal.

A realidade que descrevemos deve levar o educador cristão a uma reflexão quanto à importância de um ensino de literatura integrado com a fé, segundo uma perspectiva bíblica. O estudante de literatura deve possuir uma visão de mundo cristã para que possa ter um correto ponto de referência, e um sistema de convicções teocêntrico a fim de contemplar e interpretar o mundo com uma mentalidade cristã.¹ Estudar literatura é estudar as culturas dos povos, especificamente a cultura ocidental,

¹ Baseado no conceito de cosmovisão de James Olthuis, citado por H. Rasi, "Cosmovisão Cristã e Educação Adventista", Ensaio apresentado no 16º Seminário de Integração de Fé e Ensino, Instituto Adventista de Ensino - São Paulo, Brasil, 1994.

que constitui a base formativa de nossa literatura, e estar em condições de criticá-la adequadamente.

A visão de mundo cristã oferece para o aluno cristão um discernimento adicional quanto ao significado dos movimentos literários, e dos contextos histórico-sociais que os condicionam, não disponível ao estudante não cristão. Nossos manuais didáticos possuem uma abordagem secular, humanista e teoricamente objetiva, sem pretender estabelecer juízos e valores. Dizemos “teoricamente” pois concordamos, juntamente com P. R. Waibel, que

virtualmente todos os historiadores modernos, não importando sua inclinação filosófica, reconhecem o ‘mito da objetividade’ ao se estudar história. Um elemento de valor entra quando o historiador seleciona quais dados, ou fatos, são importantes. Da mesma forma, um juízo de valor entra quando esses fatos são interpretados ou avaliados.²

Neste ensaio, pretendemos apresentar em linhas gerais alguns aspectos conceituais de como abordar um movimento literário, ou estilo de época, numa perspectiva cristã. Pretendemos apresentar, em segundo lugar, modelos, embora incompletos e limitados, de como aplicar esses conceitos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina. Escolhemos dar maior ênfase ao Humanismo e à Renascença por se tratar de um divisor de águas que determinou os rumos e contornos de toda literatura ocidental. Concluiremos o ensaio tecendo algumas reflexões sobre o Romantismo e Realismo do século XIX.

PRESSUPOSTOS TEOLÓGICO-FILOSÓFICOS

² P. R. Waibel, Opening the American Mind, p. 121, 122.

1. O estudante de literatura deve realizar seus estudos tendo em mente a visão bíblica do Grande Conflito, que está entrelaçada com a História da Salvação. Para efeitos didáticos podemos dividi-la em dez momentos-chave.

- 1) Deus cria o universo e os seres celestiais em condições perfeitas.
- 2) Lúcifer se rebela contra o governo de Deus e é expulso para a terra juntamente com seus seguidores.
- 3) Deus torna este mundo habitável, cria a flora, a fauna e nossos primeiros pais. (A criação)
- 4) Adão e Eva sucumbem à tentação e o mundo inteiro sofre as conseqüências do pecado. (A queda)
- 5) Cristo vem ao mundo para redimir a humanidade caída, mediante seu ministério terrestre, sua morte e ressurreição. O Reino da Graça é estabelecido.
- 6) Após Sua ascensão, Cristo inicia Seu ministério intercessório no santuário celestial, fornecendo perdão e aceitação aos crentes arrependidos.
- 7) Cristo efetua, a partir de 1844, a obra do Juízo Investigativo e purificação do santuário, visando reproduzir em Seu povo Seu caráter de amor, para levar a efeito a obra final da expiação, preparatória à Sua vinda.
- 8) Cristo encerra Seu ministério intercessório, o caráter de Deus é reivindicado perante o universo. Cristo toma posse do Reino da Glória, e o mundo impenitente é imerso numa conflagração final.

9) Cristo volta à Terra com Seus anjos para julgar o mundo, colocar fim ao sofrimento, transformar os redimidos e dar a recompensa aos fiéis de todos os tempos.

10) Após 1000 anos, Cristo põe fim ao conflito, destruindo pecado e pecadores; purifica a Terra e cria um novo céu e uma nova Terra nos quais habitará e justiça por toda a eternidade.

2. Toda verdade provém de Deus. O estudante cristão reconhece, com Ellen White, que

todo saber e desenvolvimento real tem sua fonte no conhecimento de Deus... Qualquer que seja o ramo de investigação a que procedamos com o sincero desejo de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo.³

O estudante de literatura entra em contato com os mais variados gêneros literários, muitos dos quais apresentam princípios e valores totalmente anti-cristãos. Uma proposta simplista seria encaminhar os estudantes somente para as obras que estejam de acordo com a filosofia cristã, poupando o aluno de ter contato com qualquer literatura que o possa desencaminhar. Devemos reconhecer que o aluno entrará em contato com a literatura, cuja leitura queremos evitar, de uma maneira ou outra. Como professores cristãos, devemos orientar os estudantes quanto à literatura que devem escolher como sua leitura habitual. Nessa direção possuímos muitos princípios bíblicos, bem como os conselhos edificantes dos escritos de Ellen White. No entanto, cremos, juntamente com a Bíblia, que os alunos deveriam estar com “suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Heb. 5:14) para enfrentarem “a

³ Ellen White, Educação, p. 14

artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Efésios 4:14). Esse é o tipo de preparo que Moisés e Daniel tiveram ao ter que entrar em contato com a literatura pagã de sua época. Não acreditamos, por outro lado, que tudo que esses homens leram dos pensadores de sua época era condenável. Ellen White esclarece esse ponto ao afirmar que

O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto... cujas palavras têm estimulado o pensamento, (e que) seus ensinamentos, tanto quanto são verdadeiros, refletem os raios do Sol da Justiça. Cada raio de pensamento, cada lampejo do intelecto, procede da Luz do mundo.⁴

Após essas reflexões podemos dizer que feliz é o professor que proporcionar a seus alunos uma base bíblico-cristã, de maneira que eles possam discernir a verdade de Deus nos autores que lerem e ao mesmo tempo rejeitarem o erro. Feliz é o professor que desenvolver nos alunos princípios ético-morais que os ajudarão a escolher, por livre vontade e não por constrangimento ou proibição dogmática, a literatura sadia para a formação de seu caráter.

3. Além de compreender a visão bíblica do grande conflito, deve-se compreender os princípios envolvidos nessa luta milenar que está sendo observada com grande expectativa por seres de todo universo não caído. Devemos ter em mente que nenhum acontecimento é neutro. Os fatos históricos, e os movimentos literários que os refletem, devem ser compreendidos dentro desta moldura, em que interagem princípios opostos e que lutam pela supremacia. O bem e o mal se acham em toda marcha e contra-marcha dos acontecimentos. O estudante deve tentar divisar na seqüência dos acontecimentos “a força de um Ser todo misericordioso, a executar, silenciosamente, os

⁴ Idem, p. 13, 14.

conselhos de Sua própria vontade”.⁵ Esta é a verdadeira filosofia da História. Além de discernir o desenvolvimento do plano de Deus, deve o estudante perceber as contrafações de Satanás em sua tentativa de frustrar os planos de Deus e de continuar sua luta iniciada no Céu.

Ellen White, na introdução de O Grande Conflito, apresenta resumidamente os objetivos que teve ao escrever seu livro. Ela assim se expressa:

Desdobrar as cenas do grande conflito entre a verdade e o erro; revelar os ardis de Satanás e os meios por que podemos opor eficaz resistência; apresentar uma solução satisfatória do grande problema do mal, derramando luz sobre a origem e a disposição final do pecado, de tal maneira e manifestar-se plenamente a justiça e benevolência de Deus em todo o seu trato com Suas criaturas; e mostrar a natureza santa, imutável de Sua lei.⁶

Estudar literatura tem um objetivo histórico e escatológico. Histórico, porque podemos acompanhar as cenas do grande conflito e as questões envolvidas; escatológico, porque podemos nos preparar para os acontecimentos futuros. O estudante de literatura cristão, ao reconhecer que os movimentos artístico-literários constituem parte do conflito entre as forças do luz e das trevas, verá que todos esses estilos de época do passado e do presente adquirem nova significação e projetam-se para o futuro. Estudando a história, e especificamente a literatura, podemos ver os esforços de Satanás para representar de maneira falsa o caráter de Deus, para fazer com que os homens nutram um conceito errôneo do criador, e assim O considerem com termos e ódio em vez de amor; vemos também seu empenho para pôr de parte a lei divina, levando o povo a julgar-se livre de suas reivindicações, bem como perseguição aos que ousam resistir a seus enganos. No conflito final, Satanás empregará os mesmos

⁵ Idem, p. 173.

⁶ Ellen White, O Grande Conflito, p. 12.

expedientes, manifestará o mesmo espírito e trabalhará para o mesmo fim.⁷

Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar ou desenvolver com mais profundidade é o ódio de Satanás em relação à lei de Deus. A bíblia define pecado como “transgressão da lei”. (I João 3:4). O termo grego original, ANOMIA, transmite a idéia de rebelião contra a lei divina, a ordem estabelecida. Algumas traduções traduzem o termo como ilegalidade. Ellen White, comentando a definição bíblica, acrescenta que pecado “é o efeito de um princípio em conflito com a grande lei do amor, que é o fundamento do governo divino”⁸. Satanás, apesar das advertências amorosas de cristo em relação “à grandeza, a bondade, a justiça do Criador e a natureza imutável de sua lei”⁹, “deixou seu lugar na presença imediata de Deus e saiu a difundir o espírito de descontentamento entre os anjos”¹⁰. Seu intento era “suscitar o desgosto em relação às leis que governavam os seres celestiais, insinuando que elas impunham restrição desnecessária. Visto serem de natureza santa, insistia em que os anjos obedecessem aos ditames de sua própria vontade”¹¹. Ellen White, além de lançar luz sobre o início da controvérsia, leva-nos até o seu final, afirmando que

o último grande conflito entre a verdade e o erro não é senão a luta final da prolongada controvérsia relativa à lei de Deus.”¹² Acrescenta também que “a guerra contra a lei divina, começada no céu, continuará até o fim do tempo. Todo homem será provado. Obediência ou desobediência, eis a questão a ser assentada por todo o mundo”¹³.

Entre as várias acusações que ele lançou contra a lei de Deus, destacamos as

⁷ Com base em White, Op. Cit., p. 11.

⁸ Idem, p. 496.

⁹ Idem, p. 497.

¹⁰ Idem, p. 498.

¹¹ Loc. Cit.

¹² Idem, p. 587.

¹³ Ellen White, O Desejado de Todas as Nações, p. 733.

seguintes: (1) A lei era defeituosa, e deveria ser mudada; (Patriarcas e Profetas 65) (2) não podia ser obedecida, e caso fosse transgredida exigia condenação irremediável, ou seja, o homem não podia ser perdoado (D.T.N. 732); (3) a lei era injusta (D.T.N. 102); (4) lei de egoísmo (D.T.N. 20). O estudante que realiza seus estudos literários tendo como pano de fundo esses conceitos teológicos perceberá, na “marcha e contra-marcha” dos acontecimentos, a atuação sutil ou declarada de Satanás para tentar cumprir suas acusações. Teremos a oportunidade de comprovar isso mais adiante em nosso ensaio.

OS ESTILOS DE ÉPOCA NA PERSPECTIVA BÍBLICO-CRISTÃ

Havendo considerado os aspectos conceituais da integração da fé e ensino no estudo de literatura, nos limitaremos, nesta seção, à aplicação prática, considerando de maneira geral alguns estilos de época. Assumimos, por parte do leitor, um conhecimento básico dos movimentos literários em Portugal e Brasil, bem como suas respectivas periodizações. Por limitações de espaço, e por este ensaio não pretender esgotar o tema, não analisaremos todos os estilos, mas somente aqueles que julgamos mais relevantes.

Gostaríamos de chamar atenção especial para o movimento humanista do século XV, pois é o ponto inicial para o desenvolvimento de toda a literatura ocidental. Nesse período a religião começou a perder o lugar que ocupara no mundo medieval. Esse processo atingiria seu ponto culminante no Renascimento. Com o Humanismo, o teocentrismo começou a ruir, paralelamente à valorização do antropocentrismo, considerando o homem o centro do universo. O processo de humanização da cultura fez com que o homem passasse a encarar-se não mais como imagem de Deus, mas como ser humano, ligado a sua natureza física, terrena. O Humanismo caracterizou-se por uma volta ao passado: a Antigüidade clássica. Era uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente (o re-nascimento) do passado, tendo como traço característico a imitação de modelos gregos e latinos. A religiosidade medieval, não atendendo mais aos anseios do homem renascentista, perde seu privilegiado lugar. A vida terrena deixa de ser vista como uma “passagem” em que o indivíduo se prepara para ganhar o céu.¹⁴

¹⁴ Comentários baseados em C. M. Faraco, Língua e Literatura, Vol.1, p. 175 e 176.

É bem verdade que o Renascimento teve seus aspectos positivos. A valorização do homem, seu desenvolvimento individual e coletivo são todos aspectos essencialmente bíblicos, e bastante enfatizados nos ensinamentos de Cristo. Grandeza nacional e mesmo material não é incompatível com a filosofia bíblica. Só basta lermos as promessas de grandeza nacional e cultural que Deus havia prometido para os israelitas para percebermos este fato. O que temos que levar em consideração, no entanto, é que a cultura greco-latina possuía como base uma filosofia naturalista, e os povos que a formavam viviam “sem Deus no mundo”, (Efésios 2:12). Sendo assim, a rejeição do teocentrismo medieval e a adoção do antropocentrismo greco-latino produziu uma mudança de cosmovisão: daquela baseada no pensamento cristão para uma cosmovisão humanista e secular. Esta transição atingiu seu auge com o Iluminismo do século XVIII.¹⁵ Neste sentido, a Renascença foi um movimento negativo pois rejeitou a autoridade de Deus, adotando o homem como centro.

Raciocinemos agora do ponto de vista do Grande Conflito para termos uma visão mais ampla da marcha e contra-marcha desses acontecimentos. Para começar, sabemos que o desejo de Satanás é anular a autoridade de Deus e ter o máximo de controle possível dos negócios da Terra. O que não satisfazia os anseios dos humanistas era o teocentrismo católico, embora guardasse na sua base aspectos positivos e bíblicos. Satanás, infelizmente, desenvolveu um sistema religioso que distorceu a imagem correta do cristianismo bíblico, pregado nos primeiros séculos do cristianismo. Houvesse o cristianismo permanecido fiel e os humanistas não teriam razão para rejeitar o teocentrismo como antagônico às ideias de progresso, e a história da cultura ocidental

¹⁵ P. R. Waibel, *Op. Cit.*, p. 126

poderia ter sido diferente. Segundo Ellen White,

“o acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando seu poderio, mais se adensavam as trevas. De Cristo, o verdadeiro fundamento, transferiu-se a fé para o papa de Roma. Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quem delegava autoridade... Assim a mente do povo desviava-se de Deus para homens falíveis e cruéis, e mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que por meio deles exercia seu poder.”¹⁶

O processo de secularização iniciado na Renascença teve seu clímax, como já dissemos, no Iluminismo, concretizando-se num ateísmo declarado, como aquele manifestado no período da Revolução Francesa. A esse respeito comenta Ellen White:

Foi o papado que começara a obra que o ateísmo estava a completar... (os revolucionários) desprezavam o ramanismo como artimanha do clero. Consideravam-no como um partido que os oprimia. O único deus que conheciam era o deus de Roma; seu ensino era a única religião que professavam. Consideravam sua avidez e crueldade como os legítimos frutos da Bíblia, da qual nada queriam saber.¹⁷

A mesma autora avalia a atitude dos iluministas, citando Voltaire especificamente, como uma reação à postura de Roma em exigir fé cega nos seus dogmas, sob pretexto de apoio das Escrituras. Foi assim que eles puseram de parte a Escritura Sagrada, disseminando por toda parte a incredulidade.¹⁸

Voltemos agora ao Humanismo e vejamos a marcha dos acontecimentos por outro ângulo. Nos parágrafos anteriores vimos o plano de Satanás, suas estratégias, para destronar a Deus. Se o quadro parasse aí, seria desolador. No entanto, Deus é o Senhor da História e Seu plano para a “restauração de tudo” (Atos 3:21) não seria frustrado apesar de Satanás ter trabalhado com “todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira”,

¹⁶ Ellen White, O Grande Conflito, p. 126.

¹⁷ Idem, p. 273, 278.

¹⁸ Idem, p. 278.

como a profecia já havia predito. (1 Tess. 2:1-8). Durante toda a Idade Média, Deus teve homens fiéis que passaram a tocha da verdade de geração a geração. No século XV, no contexto do Humanismo, houve homens que estudaram a literatura clássica greco-latina, como já dissemos. Foi nesse mesmo contexto intelectual que a Reforma surgiu. Enquanto que os renascentistas dirigiram-se para a literatura clássica, Lutero e outros dirigiram-se para as Escrituras. Houve, portanto, um humanismo renascentista, cujas conseqüências já comentamos, e um humanismo bíblico, que exploraremos a seguir. Earle Cairnes comenta sobre os “estudiosos humanistas, que possuíam o Novo Testamento em grego, (e que) perceberam logo as discrepâncias entre a Igreja sobre a qual liam no Novo Testamento e a Igreja Católica Romana que viam”.¹⁹

Segundo John D. Currid, tanto a Reforma como a Renascença “procuraram encontrar um fundamento que pudesse fornecer significado e unidade para a vida como um todo.”²⁰ O mesmo autor reconhece que os dois movimentos provêm respostas antitéticas para as mesmas questões básicas. A Renascença fez do homem o fundamento central de toda pesquisa e expressão. Ela desviou a autoridade da Igreja para o próprio homem, tornando-o autônomo. A Reforma, por sua vez, rejeitou a autoridade da Igreja de Roma, transferindo-a para a Bíblia. Lutero, segundo comentários de W. A. Hoffecker, fez um assalto frontal contra o racionalismo aristotélico, condenando muitas de suas obras filosóficas. Seu ataque não foi fruto de um anti-intelectualismo. Ele simplesmente protestou contra a aceitação não crítica, por parte dos cristãos, de uma perspectiva pagã ao abordar questões sobre as quais as Escrituras haviam pronunciado

¹⁹ E. Cairnes, O Cristianismo Através dos Séculos, p. 227.

²⁰ J. D. Currid, Building a Christian World View, Vol. 1, p. 138.

tão claramente.²¹

Resumindo, a Renascença desencadeou um processo de humanização e secularização, desviando a atenção do sobrenatural para o natural, e culminando no Naturalismo moderno, que tomou corpo no século XIX. O Naturalismo é o descendente direto de uma geração de “ismos” que se desenvolveram desde então.²² A reforma, da mesma maneira, desencadeou um processo de restauração de verdade de Deus nos séculos que se seguiram, gerando inúmeros movimentos religiosos, entre os quais se encontra a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

V. James Mannoia, traçando um paralelo entre a Reforma e a Renascença, afirma que “ambos rejeitaram explicitamente a autoridade da igreja medieval, bem como de seus líderes quanto a determinar o que é certo em questões religiosas.” Ele conclui dizendo que “embora, como resultado, muitos dirigiram-se para o teísmo bíblico da Reforma, muitos mais optaram pelo Humanismo renascentista, tendendo, desta forma, a fazer do eu, em vez de Deus, o ponto de partida epistemológico.”²³

O ROMANTISMO

O romantismo, segundo W. Cereja, “é virtualmente oposto à razão... é o portavoz da emoção, dos sentimentos e da fé religiosa, ou seja, é uma arte construída sobre outra ordem de valores, mais espiritualistas, ccontrários ao cientificismo e ao

²¹ W. A. Hoffecker, Op. Cit., p. 235.

²² Conclusão baseada no Ensaio de John D. Currid, “From the Renaissance to the Age of Naturalism”, Op. Cit., p. 7.

²³ V. J. Mannoia, Op. Cit., p. 263, 264.

materialismo iluminista do século anterior.”²⁴ (grifos do autor). Enquanto que o classicismo colocava ênfase na razão e faziam dos escritores greco-latinos seu ponto de referência, os românticos lutaram por libertação dos modelos clássicos. Para os românticos, segundo John Currid, a ênfase era sobre as emoções e sentimentos interiores como a fonte do conhecimento e da verdade.²⁵ Os românticos tiveram aspectos positivos, sem dúvida. Esta ênfase, no entanto, favoreceu o florescimento de idéias que comprometeram o cristianismo bíblico. Houve teólogos que a partir desta época trouxeram idéias românticas para a religião, afirmando que “a verdade no cristianismo vem a partir das experiências interiores do homem”. Desta forma “conhecimento teológico objetivo não existe”.²⁶ Vemos aí os esforços de Satanás para tornar sem efeito a autoridade de Deus e de Sua Palavra. Conseqüentemente, ele prossegue em sua batalha contra a lei de Deus, levando os homens a crer que podem viver sem “restrições” ou seguir os “ditames de sua própria vontade” (G.C. 498).

O surgimento do Romantismo, segundo John Currid, teve sua base na derrocada interna do Império Francês. Desde o começo do Iluminismo a França e sua aristocracia tinham preconizado a ordem e a estrutura do racionalismo. Com a queda do Império, um símbolo de ordem e harmonia veio ao fim.²⁷ Sendo assim, o homem volta para dentro de si mesmo buscando outras bases para organizar seu mundo. Lamentavelmente, o Romantismo, opondo-se à razão, buscou um ponto de referência bastante instável. O perigo da ênfase nas emoções pode ser visto nos poetas brasileiros de segunda geração, como Álvares de Azevedo, que foram dominados pelo conhecido

²⁴ W. Cereja, *Português: Linguagens*, Vol.2, p. 8

²⁵ J. Currid, *Building a Christian World View*, Vol.1, p. 145.

²⁶ *Idem*, p. 148.

²⁷ *Idem*, p. 145.

“mau do século”, ou seja, “por uma onda de pessimismo doentio diante do mundo, que se traduzia no apego a certos valores decadentes e mórbidos, tais como a bebida, o vício, a melancolia, o noturno, o macabro, o satanismo e a morte.”²⁸ A esses poetas os conselhos de Ellen White teriam sido muito úteis:

Os sentimentos são muitas vezes enganadores, as emoções não são salvaguarda segura, pois são variáveis e sujeitos a circunstâncias externas.²⁹

Não é sábio olhar-nos a nós mesmos, e estudarmos nossas emoções. Se assim fazemos o inimigo apresentará dificuldades e tentações que enfraquecerão a fé e destruirão o ânimo. Devemos desviar os olhos do próprio eu para Jesus.³⁰ (grifo nosso)

O REALISMO

Uma característica da literatura realista “é o desaparecimento do herói romântico, que cede lugar ao anti-herói, personagem que se caracteriza pela consciência de sua degradação diante de um mundo igualmente degradado e degradante.”³¹ Em muitos aspectos podemos considerar a Bíblia como livro realista. Ela analisa o estado do homem e das sociedades com realismo e objetividade surpreendentes. (2 Pedro 2:12, 17; Rom. 3:11-18; Judas 10-13) A Bíblia descreve o coração do homem como “enganoso e desesperadamente corrupto” (Jer. 17:10). Neste particular, a cosmovisão bíblica está mais próxima do Realismo do que do Romantismo. O pensamento do iluminista Jean-Jacques Rousseau influenciou o conceito romântico. Este dizia que o homem é primitivamente puro mas se perverte pelo convívio com a sociedade, uma teoria claramente contrária ao conceito bíblico da corrupção inata do ser humano (Sl. 51:5 Ef

²⁸ W. Cereja, Op. Cit., p. 32.

²⁹ Ellen White, Mente, Caráter e Personalidade, Vol. 1, p. 126.

³⁰ Idem, p. 128.

³¹ W. Cereja, Op. Cit., p. 142 e 143.

2:3). Não vemos na Bíblia um quadro idealizado do homem como costumavam fazer os românticos.

O que torna a filosofia bíblica insuperável é sua mensagem de esperança e redenção apesar de tudo. Os escritores bíblicos nunca deixaram que o subjetivismo ou o sentimentalismo os impedissem de apresentar o quadro real. É fundamental para a filosofia bíblico-cristã a análise do ser humano tal qual ele é, pois o “Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Luc. 19:10). Reconhecendo sua situação real, o homem dirige-se a Cristo dizendo: “Tal qual estou eu venho a ti”. Em Cristo ele prossegue rumo ao ideal, “esquecendo-se das coisas que para atrás ficam”. (Fil. 4:15)

O Romantismo sonhava com uma sociedade onde existiria igualdade, justiça social e direitos humanos. O Realismo, renunciando os ideais românticos, adota uma forma diferente de sentir e ver a realidade, menos idealizada e mais verdadeira e crítica. O cristianismo bíblico possui características realistas ao mesmo tempo que românticas. Ele crê na existência de uma pátria nos Céus, sem negar o fato de que “no mundo tereis aflições”. (João 16:33). Aqui vemos o poder unificador do cristianismo, o qual, com os pés firmes no chão da realidade humana, nos leva a “lançar mão da esperança proposta... que penetra além do véu, onde Jesus... entrou por nós.” (Heb. 6:18-20)

CONCLUSÃO

Neste ensaio tivemos a intenção de contribuir com o projeto de integração do conhecimento à fé bíblica. Esse processo, segundo H. Rasi, deve ser “intencional e

sistemático”.³² Uma vez que o processo de secularização da cultura ocidental, que observamos nitidamente em nossa literatura, fragmentou o conhecimento, separando-o da fé e da religião, é necessário buscar a “re-integração da fé, do conhecimento e da vida”.³³ Cumpre aos educadores de orientação bíblica reivindicar a Cristo, colocando-O de volta na sala de aula, para que Cristo seja “Tudo em todos”. (Col. 3:11)

³² H. Rasi, “Relações e Fatores na Integração Fé e Ensino/Aprendizagem”, Ensaio apresentado no 16º S.I.F.E., IAE, SP, Brasil, 1994.

³³ H. Rasi, “Integración de la Fe y la Vida - Conceptos Fundamentales”, artigo apresentado no 16º S.I.F.E., IAE, SP, Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- Beck, W. R., ed. Opening the American Mind. Grand Rapids, Michagen: Baker Book House, 1991.
- Cairns, Earle E. O Cristianismo através dos Séculos. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.
- Cereja, W. R., Magalhães, T. A.. Português: Linguagens. 3 Vols. São Paulo: Editora Atual, 1992.
- Faraco, E. F., Moura, F. M. Língua e Literatura. 3 Vols. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- Hoffecker, W. Andrew, ed. Building a Christian World View. 2 Vols. Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1986.
- White, Ellen G. Educação. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977.
- _____. O Desejado de Todas as Nações. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.
- _____. O Grande Conflito. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.
- _____. Mente, Caráter e Personalidade. 2 Vols. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil.